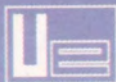


Não quero chegar tarde

Henrique Madeira



UNIVERSITÁRIA EDITORA

© Universitária Editora
1.ª Edição, 2002

*Sem autorização expressa do Editor
não é permitida a reprodução desta obra,
no todo ou em parte e por nenhum meio,
exceptuando-se a transcrição de pequenos excertos
para fins de divulgação e crítica.*

Título: “Não Quero Chegar Tarde”
Autor: Henrique Madcira
Editor: Gil Cancela Leite
Prefácio: Orlando Neves
Capa: João Branco
Edição: Universitária Editora, Lda.
Rua Camilo Castelo Branco nº 23 – 6º 1150-083 Lisboa
Telf. 213 162 442 – Fax 213 162 444

Execução gráfica: Totalgráfica, Lda.
Qta. de Santa Rosa
Armazém – JLS
2685-585 Camarate
www.universitariaeditora.com

Depósito Legal: 178850/02
ISBN: 972-700-422-9

HENRIQUE MADEIRA

NÃO QUERO CHEGAR TARDE

TEATRO

PERSONAGENS:

- **Raul**
- **Armando**
- **Bata Branca**

Dois indivíduos passam de um lado para outro.

Sala de paredes altas. Quase vazia. Vê-se uma janela pequena. Também umas frestas. E de um lado uma porta igualmente de reduzidas proporções. Há um banco e um plinto. Na outra parede está colocado um espaldar e umas argolas penduradas. Os dois protagonistas estão num ginásio. Às vezes, fazem alguns exercícios e pequenas corridas. A uma certa altura, jogam à bola. Fazem passes e faltas, empurram-se, zangam-se e riem-se.

Depois de uma pausa, voltam a caminhar de um lado para o outro.

As luzes são fracas, mas vão alternando com algumas clari-
dades. Dois homens passam de um lado para o outro. Várias vezes.
Desencontradamente.

Raul – Boa noite!

Armando – (nada diz e até acelera o passo)

Raul – Boa Noite, ao menos fala.

Armando – (parando) Agora, queres conversa... O meu relógio diz que são dez horas da manhã.

Raul – Não pode ser!

Armando – Pode sim (*consultando o pulso*). São dez e dez. Da manhã.

Raul – Tu não tens relógio. Nem eu.

Armando – O quê?

Raul (*encolhendo os ombros*) - Está bem. Não te preocupes. Para nós, são precisamente dez horas da manhã. Tanto faz. Até prefiro a manhã à noite.

Armando – As noites são medonhas.

Raul – Então, quando são frias...

Armando – Brrr...

Raul – Vêm-se muitas vezes monstros.

Armando – De manhã, acordo sempre feito num oito.

Raul – É assim como uma nuvem muitas vezes negra, à volta da cabeça.

Armando (*mudando de assunto e depois de uma pausa*) – Ouve lá, o que é que fazes aqui?

Raul – Estou já há mais de quatro horas e não aparece o transporte.

Armando – Não aparece o transporte. Eu também estou à espera.

Raul – Não aparece o transporte. O barco nunca mais chega a esta rua. Há mais de quatro horas.

Armando – Não aparece, nem aparecerá. Nem com mais quatro horas.

Raul – Então porquê?

Armando – O barco nunca aparece nesta rua.

Raul (*abanando a cabeça*) - Tu sabes lá...

Armando – Sei sim. Os barcos não andam nas cidades. Esta é uma paragem de autocarro.

Raul (*assustado*) - Impossível. Já tenho apanhado várias vezes o barco aqui (*alterando a voz*). Várias vezes, ouves?

Armando – Está bem. Acalma.

Raul – *(resmungando, sem ser entendido).*

(Depois uma pausa. Tornam a caminhar, desencontradamente, de um lado para outro).

Armando – Ouve lá, para onde queres ir?

Raul – Porque queres saber?

Armando – Diz lá.

Raul – Para o Areeiro, ora bolas. Para o Areeiro.

Armando – Lá está. Não precisas de um barco, mas sim de um autocarro. Ou de um táxi. Ou do Metro.

Raul – Mas eu quero um barco. Preciso de um barco ou de um avião.

Armando *(fazendo humor)* - És ambicioso. Mas tenho a impressão de que vai ser difícil. Difícil não. Impossível.

Raul – Desculpa, mas eu quero um barco *(mais docemente)*. Preciso de um barco.

Armando *(com alguma manha)* - Está bem, pronto. Um barco. Mas para ti bastaria um autocarro, repito. Aqui, nesta paragem.

Raul – Quero um barco.

Armando – Já arranjaste um comandante?

Raul – Não brinques comigo *(volta a olhar para o relógio inexistente)*.

Armando – Agora és tu que inventas as horas.

(Caminham, entretanto, de um lado para o outro).

Raul – Tenho de resolver isto *(reatando)*.